

Ricardo Antunes

## O PRIVILÉGIO DA SERVIDÃO

O novo proletariado de serviços na era digital



## Capítulo 4

### QUEM É A CLASSE TRABALHADORA HOJE?

Depois de tantos autores terem decretado o fim da classe trabalhadora, nossa interrogação é outra: *quem é a classe trabalhadora hoje?* Ela ainda detém um estatuto de centralidade nas transformações sociais? Trata-se de questões cujas respostas não são simples, tampouco fáceis, sobretudo diante da avalanche de teses, desenvolvidas nas últimas décadas, voltadas a desconstruir tanto a noção de classe quanto sua centralidade e sua potencialidade transformadora.

Nossa tese central, que aqui procuraremos desenvolver, é a de que, no capitalismo contemporâneo, dotado de uma lógica destrutiva ampliada, o centro da transformação social ainda está radicado no *conjunto* da classe trabalhadora. Recusamos, desde logo, duas teses equivocadas: tanto a de que nada mudou no universo dos trabalhadores quanto seu oposto, a de que a classe trabalhadora não mais seria capaz de transformar radicalmente o universo societal do capital.

É curioso que, enquanto se amplia enormemente o conjunto de seres sociais que vivem da venda de sua força de trabalho, em escala planetária, tantos autores deem *adeus ao proletariado* e defendam a ideia do *descentramento da categoria trabalho* e do *fim* das possibilidades de emancipação humana estruturada a partir do trabalho.

O que vou exercitar aqui é um caminho inverso, esboçar a *crítica da crítica*, de modo a procurar evidenciar o que venho denominando a *nova morfologia do trabalho* e suas potencialidades.



Começemos com uma questão central: qual é a atual conformação da classe trabalhadora? Se ela não é idêntica àquela de meados do século passado, não está em *vias de desaparecimento* nem perdeu *ontologicamente* seu sentido estruturante na vida cotidiana do ser social, qual é sua *forma de ser* hoje?

Sabemos que Marx e Engels consideravam classe trabalhadora e proletariado como sinônimos. E que, na Europa de meados do século XIX, os trabalhadores assalariados que inspiraram a reflexão de ambos ganhavam expressão corpórea no proletariado industrial, o que possibilitava a denominação comum e mesmo indiferenciada entre classe trabalhadora e proletariado.

Nosso desafio teórico e político é procurar entender, então, quem é a classe-que-vive-do-trabalho<sup>1</sup> hoje, como ela se conforma ou se configura.

Partiremos da formulação de que ela compreende *a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção*, conforme a definição marxiana.

Ela tem como núcleo central o conjunto do que Marx chamou de *trabalhadores produtivos*, para lembrar especialmente o *Capítulo VI (inédito)*, bem como inúmeras passagens de *O capital* nas quais a ideia de *trabalho produtivo* é formulada, compreendendo os/as *trabalhadores/as que são produtores de mais-valor; que são pagos por capital-dinheiro: expressam uma forma de trabalho coletivo e social e realizam tanto trabalho material quanto imaterial*<sup>2</sup>.

Nesse sentido, evidencia-se em nossa análise que a classe trabalhadora hoje não se restringe somente aos trabalhadores manuais diretos, mas incorpora a *totalidade do trabalho social*, a *totalidade do trabalho coletivo* que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário.

Portanto, ela ainda é (centralmente) composta pelo *conjunto de trabalhadores produtivos que produzem mais-valor e que participam do processo de valorização do capital*, por meio da interação entre trabalho vivo e trabalho morto, entre trabalho humano e maquinário científico-tecnológico.

Esse segmento constituiu um dos núcleos centrais do proletariado moderno. Os produtos da Toyota, da Nissan, da General Motors, da IBM, da Microsoft etc. são resultado da interação entre trabalho vivo e trabalho morto (tornando infundadas as teses, desde Habermas até Robert Kurz, de que o *trabalho abstrato* teria perdido sua força estruturante na sociedade atual).

<sup>1</sup> A classe de pessoas "que apenas trabalha", conforme designação (com nossa tradução livre) de Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, cit., p. 26.

<sup>2</sup> Karl Marx. *O capital*, Livro I, cit., e *O capital: livro I – Capítulo VI (inédito)*, cit.

Se o *trabalho abstrato* (dispêndio de energia física e intelectual para produzir mercadorias, conforme disse Marx em *O capital*) perdeu a sua força estruturante na sociedade de hoje, como são produzidos os automóveis da Toyota, os programas da Microsoft, os carros da General Motors e da Nissan, os tênis da Nike, os hambúrgueres do McDonald's, só para citar alguns exemplos de grandes empresas transnacionais?

Mas – e aqui avançamos um segundo elemento importante – a classe trabalhadora incorpora também o conjunto dos *trabalhadores improdutivos*, outra vez no sentido de Marx. Aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, seja para *uso público*, como os serviços públicos tradicionais, seja para *uso capitalista*. O *trabalho improdutivo* é aquele que não se constitui enquanto um elemento vivo no processo direto de valorização do capital e de criação de mais-valor. Ele pertence ao que Marx chamou de *falsos custos*<sup>3</sup>, os quais, entretanto, são imprescindíveis para a sobrevivência do capital e de seu metabolismo social. Por isso se diferencia do trabalho produtivo, que participa do processo de criação de mais-valor.

Mas, como estão nubladas algumas das diferenças reais – basta lembrar que, no mundo da produção hoje, o mesmo trabalho pode ter simultaneamente atividades produtivas e improdutivas, realizadas pelos/as mesmos/as trabalhadores/as –, a classe trabalhadora ampliada inclui, portanto, o vasto leque de assalariados improdutivos, geradores de um antivalor no processo de trabalho capitalista, mas que vivenciam situações que têm clara similitude com aquelas experimentadas pelos/as trabalhadores/as produtivos/as.

Se todo trabalho produtivo é assalariado (aqui deixando de lado as "exceções", com o ressurgimento do trabalho escravo), mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora *deve incorporar a totalidade dos trabalhadores assalariados*.

Portanto, a *classe trabalhadora hoje é mais ampla, heterogênea, complexa e fragmentada do que o proletariado industrial do século XIX e do início do século XX*<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Em seu escrito sobre a Comuna de Paris, *A guerra civil na França* (ed. bras.: São Paulo, Boitempo, 2011), e em vários outros escritos para a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), Marx, ao tratar do conjunto de forças sociais envolvidas no processo revolucionário que se desenvolvia em Paris, faz referência também às "classes trabalhadoras", sinalizando para um conjunto heterogêneo e diferenciado de atividades laborativas, que transcendem aquelas que vivem da *venda de sua força de trabalho em troca de salário* e que participaram também de forma ativa da construção da Comuna de Paris e das lutas da AIT. Ver também a excelente coletânea de textos sobre a AIT em Marcello Musto (org.). *Trabalhadores, uni-vos: antologia política da I Internacional* (São Paulo, Boitempo, 2014).



Fica uma importante questão para nosso debate: o proletariado moderno, que exerce atividades consideradas *produtivas* (quer aquelas prevalentemente *materiais* ou *imateriais*, quer aquelas manuais diretas ou nas chamadas tecnologias da informação, nos polos mais avançados das fábricas modernas, exercendo atividades consideradas mais "intelectualizadas"), ainda tem papel de centralidade nas lutas anticapitalistas, exatamente por gerar *valores de troca, mais-valor*? Ou, ao contrário, o conjunto ampliado que configura o proletariado moderno ou a classe-que-vive-do-trabalho, em sua heterogeneidade - inclusive na participação/geração/ampliação do valor, bem como em sua concretude ideológico-política -, não tem mais nenhum polo *necessariamente* central?

Formulando de outro modo: nos embates desencadeados pelos/as trabalhadores/as, que o mundo tem presenciado, é possível detectar maior potencialidade e, até mesmo, centralidade nos estratos mais qualificados da classe trabalhadora, naqueles que vivenciam uma situação mais "estável" e que têm, conseqüentemente, maior participação no processo de criação de valor? Ou, pelo contrário, o polo mais fértil da ação se encontra exatamente naqueles segmentos sociais mais subproletarizados?

Sabe-se que os segmentos mais qualificados, mais intelectualizados, que se desenvolvem mais próximos do avanço tecnológico-informacional-digital, pelo papel que exercem no processo de criação de valores de troca, poderiam estar dotados, ao menos objetivamente, de maior potencial de rebeldia. Mas, por outro lado, e de modo contraditório, esses setores mais qualificados são os que vivenciam um sistemático processo de manipulação e "envolvimento" (em verdade, trata-se das formas contemporâneas de fetichismo e estranhamento) no interior do espaço de trabalho.

Em contrapartida, o enorme leque de trabalhadores precários, parciais, temporários etc., o chamado *subproletariado moderno*, juntamente com o imenso contingente de desempregados, pelo seu maior distanciamento do processo de criação de valores, poderiam ter, no plano da materialidade, um papel de menor relevo nas lutas anticapitalistas. Porém, sua condição de despossuídos os faz confrontar-se cotidianamente com a ordem destrutiva, uma vez que esses segmentos sociais não têm mais nada a perder no universo da (des)sociabilidade do capital. Sua subjetividade poderia ser, portanto, mais propensa à rebeldia.

Nunca é demais lembrar que a classe trabalhadora é uma *condição de particularidade*, um *modo de ser* com claros, intrínsecos e inelimináveis elementos relacionais de *objetividade* e *subjetividade*. Mas a classe trabalhadora, para Marx, é ontologicamente decisiva pelo papel fundamental que exerce no processo de criação de valores

e na luta entre as classes. É na própria materialidade do sistema e na sua *potencialidade subjetiva* que o seu papel se torna central. E, creio, ela só perderá essa *potencialidade* se e quando o *trabalho abstrato* deixar de ser central para a reprodução do capital.

Portanto, a classe trabalhadora, em sentido amplo, incorpora a totalidade daqueles/as que vendem sua força de trabalho em troca de salário, como o proletariado rural, os chamados boias-frias das regiões agroindustriais do Brasil do etanol. Incorpora também o proletariado precarizado, fabril e de serviços, *part time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo do capital.

O exemplo dos imigrantes talvez seja o mais emblemático: com o enorme incremento do *novo proletariado informal*, do subproletariado fabril e de serviços, novas atividades laborativas são exercidas pelos imigrantes que circulam em escala global. A classe trabalhadora, portanto, é composta - e isso é decisivo hoje - da totalidade dos trabalhadores assalariados, em todas as suas distintas modalidades de inserção no mundo do trabalho, incluindo aqueles subempregados, na informalidade e desempregados.

Em nossa concepção ampliada estão *excluídos da classe trabalhadora* os gestores do capital, que são parte constitutiva da classe dominante, pelo papel central que têm no controle, na hierarquia, no mando e na gestão do capital e de seu processo de valorização, bem como os pequenos empresários, a pequena burguesia urbana e rural, que é detentora - ainda que em menor escala - dos meios de sua produção. Estão excluídos também aqueles que vivem de juros e da especulação.

Então, compreender a classe trabalhadora hoje, de modo abrangente, implica entender esse conjunto heterogêneo, ampliado, complexo e fragmentado de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e desprovidos dos meios de produção.

Durante a vigência do taylorismo/fordismo no século XX, os trabalhadores por certo não eram homogêneos; sempre houve homens trabalhadores, mulheres trabalhadoras, jovens trabalhadores, qualificados e não qualificados, nacionais e imigrantes etc., isto é, as múltiplas clivagens que configuraram a classe trabalhadora. É evidente ainda que no passado também já havia terceirização (em geral, os restaurantes, a limpeza e o transporte eram terceirizados). Mas pudemos presenciar, nestas últimas décadas, uma enorme intensificação desse processo, o que alterou sua qualidade, fazendo aumentarem e intensificarem-se as clivagens anteriores.

Também ao contrário do taylorismo e do fordismo (que, é bom lembrar, continuam vigentes em várias partes do mundo, ainda que



de forma muitas vezes híbrida ou mesclada), no toyotismo ou nas formas flexíveis de acumulação, os/as trabalhadores/as são interiorizados/as e instigados/as a se tornar *déspotas de si próprios/as*. Na síntese que utilizei em *Adeus ao trabalho?*, eles são instigados a se autorreprimir e se punir se a sua produção não atingir as famigeradas "metas", sendo pressionados a ser *déspotas de si mesmos*. Eles trabalham num coletivo, em *times* ou *células de produção* e, se um/a companheiro/a não comparece ao trabalho, é "cobrado/a" pelos próprios membros que formam sua equipe. É assim, por exemplo, no ideário do toyotismo. As resistências, as rebeldias, as recusas são completamente rechaçadas pelos gestores como atitudes contrárias "ao bom desempenho da empresa".

Se o sistema taylorista-fordista tinha uma concepção na qual a gerência científica *elaborava* e o trabalhador manual *executava*, o toyotismo e as formas da *flexibilidade liofilizada* incorporaram a ideia de que era preciso deixar que o *saber intelectual do trabalho* florescesse e a subjetividade operária fosse também apropriada pelo capital.

É evidente que, desse processo que se expande e se complexifica nos *setores de ponta do processo produtivo* (o que não pode ser generalizado em hipótese alguma hoje), resultam máquinas "mais inteligentes", que por sua vez precisam de trabalhadores mais "qualificados", mais aptos a operá-las. E, na processualidade desencadeada, novas máquinas, "mais inteligentes", passam a executar atividades outrora feitas pela atividade exclusivamente humana, desencadeando-se um processo de interação entre trabalho vivo diferenciado e trabalho morto mais informatizado.

Tais alterações levaram Habermas a afirmar, erroneamente, que a *ciência transformava-se em principal força produtiva*, tornando supérflua a teoria do valor-trabalho<sup>5</sup>. Ao contrário, conforme indicamos em capítulos anteriores, penso que há uma nova forma de interação do *trabalho vivo* com o *trabalho morto*, que há um processo de *tecnologização da ciência*<sup>6</sup> que, entretanto, não pode eliminar o trabalho vivo na geração do valor. Ao contrário, há evidências razoáveis de que existem, hoje, em paralelo à ampliação das formas de trabalho, novas modalidades de vigência da lei do valor.

Em verdade, estamos presenciando uma intensificação e ampliação dos modos de extração do sobretabalho, das *formas geradoras do valor*, resultado da articulação de um maquinário altamente avançado (de que são exemplo as TICs que invadiram o mundo das mercadorias), com a exigência, feita pelos capitais, de buscar maiores "qualificações" e "competências" da força de trabalho.

<sup>5</sup> Jürgen Habermas, *Técnica e ciência como "ideologia"*, cit.

<sup>6</sup> István Mészáros, *O poder da ideologia* (São Paulo, Boitempo, 2004).

Dada a *nova morfologia do trabalho*, com sua enorme gama de *trabalhadores/as invisíveis*, vem ocorrendo uma potencialização dos mecanismos geradores do *valor*, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de *autoexploração* do trabalho). Menos do que perda de validade da teoria do valor, nossa hipótese é que a *invisibilidade do trabalho é uma expressão aparente que encobre a real geração de mais-valor em praticamente todas as esferas do mundo laborativo em que ocorre exploração*. Portanto, contrariamente aos que formulam a desconstrução da teoria do valor, há um importante elemento de ampliação, potencialização e mesmo realização do *mais-valor*.

Particularmente nos serviços, com a privatização das telecomunicações em escala global, a busca pela maior rentabilidade dos ativos nessas empresas acarretou um processo intensificado de terceirização do trabalho, comportando múltiplas formas de precarização e de intensificação dos tempos e movimentos no ato laborativo. Deu-se, então, uma clara confluência entre a terceirização do trabalho e sua precarização, dentro da lógica da *mercadorização* dos serviços que foram privatizados.

Vale lembrar que o trabalho nas TICs é pautado por uma processualidade contraditória, uma vez que articula tecnologias do século XXI com condições de trabalho herdeiras do século XX. Do mesmo modo, combina estratégias de intensa emulação e envolvimento, ao modo da flexibilidade toyotizada, com técnicas gerenciais tayloristas-fordistas de controle sobre o trabalho prescrito.

Portanto, ao contrário das formulações desconstrutoras do trabalho (e da lei do valor como fundamento da sociedade capitalista), as novas modalidades laborativas (incluindo o chamado trabalho imaterial) são expressões do *trabalho vivo*, partícipes, em maior ou menor escala, do processo de valorização do valor. Em nossa análise, a forma imaterial do trabalho ou da produção, quando ocorre, não leva à extinção da *lei do valor*, mas acrescenta *coágulos de trabalho vivo na lógica da acumulação de capital em sua materialidade, inserindo-os no tempo social médio de um processo de trabalho cada vez mais complexo*. Ao contrário da chamada descompensação do valor, somos obrigados a descortinar os novos mecanismos geradores do valor, próprios da *esfera informacional da forma-mercadoria*<sup>7</sup>. A enorme expansão do proletariado na China e na Índia, especialmente nas últimas décadas, ancorada na incorporação das tecnologias informacionais, parece, isto sim, *negar* a tese da perda de relevo do

<sup>7</sup> Ver também Jean-Marie Vincent, "Les automatismes sociaux et le 'général intellect'", cit., e "Flexibilité du travail et plasticité humaine", cit.; e André Tosel, "Centralité et-non centralité du travail ou la passion des hommes superflus", cit.

trabalho vivo no mundo da produção de valor, o que fragiliza ainda mais os argumentos dos defensores da imaterialidade como forma de superação ou inadequação do mais-valor.

É essa, portanto, a *nova morfologia do trabalho* e do *novo proletariado* hoje. Compreender sua *forma de ser*, suas rebeldias e resistências, é vital para que possa haver uma melhor percepção das múltiplas e polissêmicas lutas anticapitalistas de nosso tempo. Mas, do mesmo modo, é vital apreender suas alienações e seus estranhamentos, os seus distintos exercícios de subjetividade. É desse aspecto crucial que trataremos no capítulo seguinte.